

Lá em baixo fica iluminada a sombra

Susanne S. D. Themlitz

De forma a ser melhor entendido, imaginemos que todos os objetos considerados foram esvaziados do seu conteúdo, de modo a que não reste deles senão uma fina concha, que corresponderia exatamente nas suas superfícies interior e exterior com a forma do próprio objeto. Supondo que esta concha é composta de finíssimos fios, estreitamente agrupados e perceptíveis tanto se o olho os observa de fora, como de dentro. Assim, descobriremos que as ideias de ambas as superfícies desta concha coincidem naturalmente. A própria palavra “concha” parece mostrar-nos ambas as superfícies.

William Hogarth, *Analysis of Beauty* (1753)

Se tivéssemos uma Fantástica, assim como temos uma Lógica, seria descoberta a arte de descobrir.

Novalis, *Fragmentos* (1772 – 1801)

Susanne S. D. Themlitz (Lisboa, 1968), nome de referência na atual cena europeia, apresenta a sua produção mais recente naquela que será a sua quarta exposição na Vera Cortês Art Agency, um espaço familiar para a artista. Como nota característica destes novos trabalhos, observa-se o deslocamento e ampliação das suas preocupações mais recentes, focadas na redefinição das fronteiras entre disciplinas e materialização de cada técnica através da utilização inesperada de elementos próprios de umas nas outras. Assim, se recentemente víamos como as suas preocupações a levavam a questionar a definição do desenho a partir de muitos dos elementos que tradicionalmente se atribuem à escultura – e vice-versa –, nestas novas peças os deslocamentos e migrações entre fronteiras afetam também, amplamente, a definição do pictórico.

Sem dúvida que todo este processo tem origem em preocupações mais profundas, intrínsecas à sua poética, já que as formas de Themlitz se resolvem frequentemente a partir de uma amálgama sensual das ordens naturais: nelas, o vegetal, o animal e o mineral misturam-se até ao ponto de serem indistinguíveis. Talvez por isso, não seja coincidência a atenção que, nos últimos anos, a artista tem dado a fungos e cogumelos, cuja multitude de espécies e famílias ocupa um lugar específico na classificação dos seres vivos, separado tanto da flora como da fauna.

No século XVIII, dentro do universo rococó, a rocalha ocupava um papel central, precisamente equidistante entre o vivo e o morto, o natural e o artificial, entre o rizoma e a simetria, o orgânico e o inorgânico... Característica deste estilo, esta fórmula é desenvolvida a partir da mistura de fragmentos heterogêneos, que a rocalha converte em um todo unificado: rochas, conchas marinhas, caracóis, folhas e ramos, etc., numa busca de construções onde a forma desentende a função, e a arte expressa uma experiência vivaz das matérias do mundo.

A obra de Themlitz também nos remete para um mundo sensual, profundamente ligado ao corpo (os conteúdos morais, religiosos, políticos ou sociais nunca são explícitos), pelo que a psicologia e o emocional impõem-se perante o espectador como prioritários. Assim, tanto nos seus desenhos e pinturas, como nas suas esculturas e instalações, a artista trabalha frequentemente aproximando fragmentos de origens muito diversas que, no espaço da representação, são forçados a conviver com uma intimidade inesperada. É este encadeamento incessante que outorga à sua poética um inegável rasgo surreal e onírico, já que em cada metamorfose as figuras transformam-se umas nas outras sem que haja mediação do sentido.

O carácter fluido, como que liquefeito, dos mundos de Themlitz (afetando tanto os seres, os espaços, e os objetos que ali vemos) está também relacionado com este contínuo vaivém da forma-significado entre as suas mãos. Podemos mesmo detetá-lo na forma como a artista escapa sempre ao fechamento das diversas disciplinas, fazendo com que cada uma se extravase na seguinte: o desenho conquista a presença da pintura ou adquire as dimensões da escultura e do objeto; o escultórico amplifica a sua natureza na complexidade da disposição dentro da sala de exposição, transformando-se em instalação; a instalação e a performance constroem frequentemente um relato que é registado nos seus vídeos; mas vemos aí aparecerem novamente os seus objetos e esculturas, e a forma como o cenário nos remete para texturas, materiais e estados da matéria (viscosidade, oleosidade, etc.) próprios da pintura..., num laço que Themlitz mantém permanentemente aberto, enriquecendo cada uma das suas produções e que, nesta exposição para a Vera Cortês Art Agency, alcança agora uma nova dimensão e traz novidade para o campo do pictórico, como já tínhamos assinalado.

De facto, é frequente que os componentes de cada uma das suas produções se desliguem do conjunto original, voltando a aparecer noutros momentos, noutras peças, transformados ou não, para compor ou dar lugar a novos trabalhos. Desta forma, como se de uma reciclagem infinita se tratasse, os elementos que momentaneamente se cristalizaram numa organização do sentido, adquirem liberdade para construir frases ou relatos inéditos, transfigurando-se eles mesmos (a tela de um grande quadro pode ser recortada para dar lugar a fragmentos com significados autónomos), ou não (um desenho emoldurado pode perder a sua autonomia e passar a fazer parte de uma escultura como mais um componente da sua *assemblagem*, ou ser uma peça dentro de uma instalação complexa).

Através destas operações, Themlitz deseja aflorar momentos de relativo controlo, falsamente automáticos, que têm como resultado uma variedade de registos, fazendo com que no seu trabalho possamos encontrar desde representações figurativas, mais ou menos minuciosas, ocasionalmente decididamente académicas, até momentos nos quais a matéria da pintura, por exemplo, ou dos elementos gráficos, se manifesta com absoluta espontaneidade:

Lá em baixo fica iluminada a sombra

Susanne S. D. Themlitz

arabescos, rabiscos, grumos de matéria, superfícies untadas com óleo batido, empastamentos exagerados...

Assim, figuração e abstração não são categorias que possam ser aqui completamente diferenciadas. Do mesmo modo que as suas personagens são frequentemente o resultado da mistura de vários seres (o humano redesenhou tantas vezes as suas fronteiras com o animal...), os seus espaços obrigam-nos a interrogar continuamente o seu estatuto: serão cenários fictícios – teatros, dioramas, montagens – ou encontramos-nos perante uma paisagem real, de horizonte aberto? São exteriores ou interiores? Qual é a sua verdadeira escala?

As respostas lógicas permanecem sempre em suspenso. Refutadas. Controvertidas. Para começar porque, por exemplo, as presenças vivas reconhecíveis (humanas e animais, com as quais a artista cada vez menos se relaciona) nestes novos trabalhos tendem a aparecer de forma cada vez mais anónima, mais “despersonalizada”, como que remetendo para uma ideia genérica, abstrata, ideal... De qualquer forma, Susanne não é uma artista que goste de responder pelas ambiguidades produzidas pelas suas imagens, deixando-nos perante obras que são tão complexas como divertidas e enigmáticas. Hesitamos entre ligá-las ao inconsciente particular da autora (nesse caso seriam uma espécie de versão pulsional do expressionismo ou dos pesadelos, e a sua filiação mais forte poderia ser encontrada nas manifestações para-artísticas nascidas nas margens da consciência e da psicopatologia), ou remetê-las para a profundidade dos arquétipos do inconsciente coletivo (neste segundo caso os mitos e as lendas conduzir-nos-iam através do caminho das narrativas populares, os ritos de passagem, as fábulas infantis, os contos de terror, ou da arqueo-escrita do passado no nosso código genético).

Uma vez mais, perante estes novos trabalhos o espectador terá de enfrentar o humor discreto desta artista tão singular, que gosta de trabalhar nas fronteiras movediças onde o pensamento não pode ser convertido em linguagem lógica; e a experiência sempre agradável, lúdica, mas que roça o inquietante, de contemplar as suas peças, assim como com o incomum e estranho jogo que faz com as fronteiras entre o belo e o intolerável. Um desafio, portanto.

Óscar Alonso Molina
Dezembro 2013

Lá em baixo fica iluminada a sombra

Susanne S. D. Themlitz

In order to my being well understood, let every object under our consideration, be imagined to have its inward contents scooped out so nicely, as to have nothing of it left but a thin shell, exactly corresponding both in its inner and outer surface, to the shape of the object itself: and let us likewise suppose this thin shell to be made up of very fine threads, closely connected together, and equally perceptible, whether the eye is supposed to observe them from without, or within; and we shall find the ideas of the two surfaces of this shell will naturally coincide. The very word, shell, makes us seem to see both surfaces alike.

William Hogarth, *Analysis of Beauty* (1753)

If we had fantastics like we have logic, then the art of invention would already be – invented.

Novalis, *Notes for a Romantic Encyclopaedia* (1772 – 1801)

Susanne S. D. Themlitz (Lisbon, 1968) is a reference in the contemporary European art scene. She now presents her most recent work in what will be her fourth show at Vera Cortês Art Agency, a most familiar space for the artist. As a characteristic feature of these new pieces, we can note the displacement and expansion of her most recent concerns: redefining boundaries between different media and the embodiment of each technique, unexpectedly interchanging elements between them. Thus, if until now we saw her research challenging the definition of drawing by using many elements that are traditionally attributed to sculpture – and vice-versa –, in these new pieces the displacements and migrations between the borders of these media widely affect the definition of the pictorial.

There's no doubt that this process originates in deeper concerns that are intrinsic to her poetics, since Themlitz' forms are often the result of a sensual amalgamation of the natural orders: plant, animal, and mineral blend until they are indistinguishable. Perhaps this is why the artist has given so much of her attention to fungi and mushrooms in the last years, as they, and their many species and families, have their own place in the classification of living beings, and are separate from both flora and fauna.

In the eighteenth century, and within the rococo universe, the *rocaille* had a central role, precisely equidistant between the living and the lifeless, the natural and the artificial, between the rhyzome and symmetry, the organic and the inorganic... Specific to this style, this formula is put to practice by using different fragments, that the *rocaille* transforms into a unified whole: rocks, seashells, snails, leaves and branches are converted into constructions where form forsakes function, and art expresses a joyful experience of the materials of the world.

Themlitz' work is also allusive of a sensual world, and one so deeply connected to the body (moral, religious, political or social contents are never explicit) that psychology and the emotional impose themselves to the viewer as priorities. Thus, both in her drawings and paintings, as in her sculptures and installations, the artist usually works by combining fragments from many different sources, forcing them to share their representational space with unexpected intimacy. It is this continuous creation of a contexture that gives her creations an unmistakable surreal and dreamlike quality as, in each metamorphosis, forms and shapes transform into each other without any mediation of meaning.

The fluid nature of Themlitz' worlds (affecting all beings, spaces, and objects contained in them) is also associated with this constant shuffling of form and meaning between her hands. We can even see this in how the artist manages to always escape the limits of all media, forcing each to overflow into the following: drawing masters the presence of painting or acquires the dimensions of sculpture and object; the sculptural expands its nature through the complexity of installation; installation and performance often build a narrative that is registered in her videos, but there we can again see the artist's objects and sculptures – and how their settings are reminiscent of textures, materials and their properties (viscosity, greasiness, etc.) that belong to the domain of painting... Themlitz keeps this loop always open, enriching all her production, and now, at this show at Vera Cortês Art Agency, she achieves a new dimension, and brings novelty to the field of the pictorial, as we had already noted.

In fact, it often happens that the components of a particular show by Themlitz disconnect from their original set, only to reappear at some other moment, in other pieces – transformed or not – composing or giving place to new works. In this way, as if in a perpetual recycling process, elements that once were crystallized in a particular organization of meaning, now acquire the freedom to construct new phrases and narratives, being it through a transformation (the canvas of a large painting may be divided into autonomous fragments) or by remaining themselves (a framed drawing can lose its autonomy and become part of a sculpture, as one of its components, or become part of a complex installation).

Through these operations, Themlitz creates falsely automatic, partially controlled moments that result in a variety of registers. As such, in her work we can find figurative representations, varying in the degree of detail, occasionally unquestionably academic, but also moments in which painting or graphic elements, as examples, manifest with absolute spontaneity: arabesques, doodles, lumps of matter, greased surfaces, thick impastos...

Thus, and in this case, figuration and abstraction are not categories that we may completely differentiate. Just as her characters are often the result of the combination of several creatures (Humans

Lá em baixo fica iluminada a sombra

Susanne S. D. Themlitz

have often redrawn our borders with the Animal...), Themlitz' spaces force us to continually question their status: are they fictional – play-houses, dioramas, montages – or are they real landscapes, with open horizons? Are they interior or exterior? What is their true scale?

Logical answers remain in abeyance. Refuted, and contested.

Firstly because the recognizable living presences (human and animal, elements that have been gradually less used by the artist) in these new pieces appear to be increasingly anonymous, more “depersonalized”, as if referring to a generic, abstract, and ideal concept... In any case, Susanne is not the kind of artist that likes to answer for the ambiguities produced by her images, and leaves us facing pieces that are equally complex, entertaining, and enigmatic. We hesitate between connecting them to the author's unconscious (a choice that would leave us dealing with a drive motivated version of expressionism, or nightmares, and affiliated to the para-artistic manifestations that originate on the edge of consciousness and psychopathology), or referring them to the depths of the collective unconscious' archetypes (in this second case myths and legends would lead us through the paths of popular narratives, rites of passage, children's fables, horror stories, or of an *archeo-scripture* of the past inscribed in our genetic code).

Yet again, through these new pieces the viewers will have to confront the discrete playfulness of a singular artist who enjoys treading the elusive boundaries where thought cannot be converted into logical language. They will be offered the almost unsettling, but ever pleasant and joyful experience of contemplating her work, as well as the strange and unusual game she plays on the borders between the beautiful and the intolerable. A challenge, always.

Óscar Alonso Molina
December 2013